

Sob os augúrios de Mnemosyne:

Menina que vem de Itaiara, de Lindanor Celina



Capa do livro *Menina que vem de Itaiara*, de Lindanor Celina, 1963, fotografia (detalhe).

Relivaldo Pinho

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do Centro Universitário Fibra. Autor, entre outros livros, de *Antropologia e filosofia: experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia*. Belém: Editora UFPA, 2015. relivaldopinho@gmail.com

Sob os augúrios de Mnemosyne: *Menina que vem de Itaiara*, de Lindanor Celina*

Under the auguries of Mnemosyne: Menina que vem de Itaiara, by Lindanor Celina

Relivaldo Pinho

RESUMO

Estuda-se o primeiro romance de Lindanor Celina, *Menina que vem de Itaiara*, de 1963, que narra a trajetória da menina Irene na cidade de Itaiara. Apesar de certo reconhecimento, especialmente da relação de seus elementos ficcional e histórico, a literatura de Celina ainda é pouco estudada e isso se aplica a esse livro. Tomam-se teorias e conceitos de pensadores, como Paul Ricoeur, Platão, Aristóteles, Maurice Halbwachs, e de outros autores que tratam sobre as características históricas, socioculturais e ficcionais da região paraense, para analisar o cerne, ainda não detidamente estudado, desse romance, o estatuto da memória. No livro, a memória está, em seus vários aspectos, relacionada à reminiscência, à imaginação/representação do vivido e à narração. É a narração – na interseção da literatura com as dimensões histórico-sociais regionais – a responsável por rememorar os eventos e personagens exemplares e arquetípicos da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Lindanor Celina; *Menina que vem de Itaiara*; memória.

ABSTRACT

It is studied Lindanor Celina's first novel, Menina que vem de Itaiara, from 1963, which narrates the trajectory of the girl Irene in the city of Itaiara. Despite a certain recognition, especially regarding the relationship between its fictional and historical elements, Celina's literature is still little studied and this applies to this book. It is taken theories and concepts of thinkers, such as Paul Ricoeur, Plato, Aristotle, Maurice Halbwachs, and other authors who deal with the historical, sociocultural and fictional characteristics of the Pará region, to analyze the core, not yet studied in detail, of this novel, the statute of memory. In the book, the memory is, in its various aspects, related to reminiscence, imagination/representation of what has been experienced and narration. It is the narration – at the intersection of literature with regional historical-social dimensions – that is responsible for reminiscing the city's exemplary and archetypal events and characters.

KEYWORDS: Lindanor Celina; *Menina que vem de Itaiara*; memory.



Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda a espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando

* Este texto integrava um livro que começou a ser realizado em 2017, por ocasião do centenário de Lindanor Celina. Com a obra pronta, por questões editoriais e pelo falecimento do seu editor, Gengis Freire, infelizmente ela não foi publicada. Faço aqui uma homenagem a ele pela confiança, incentivo e patrocínio do projeto, como, da mesma forma, incentivou tantas importantes publicações sobre a Amazônia. E agradeço à sua esposa, Ana Rosa Cal Freire, pela gentileza na liberação dos direitos autorais, o que honra ainda mais a memória de seu marido.

quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda o não absorveu e sepultou.

Santo Agostinho. *Confissões*.

Ademais, o romance que estou a trabalhar (fase da máquina), puxa-me para trás, para um tempo em que nem os filhos existiam, mas sim as vidas que teceram a minha. A casa que não é mais, e só persiste na memória, reinventada para cenas que nem tu próprio sabes se foram vividas algum dia, ou tiradas do nada... com um mínimo de recheio do que seria real, mas teria sido mesmo?

Lindanor Celina. *Entre vigília e sonho*.

Em *Pranto para Dalcídio Jurandir*: memórias, Lindanor Celina, relembando o processo de construção de seu primeiro romance, *Menina que vem de Itaiara*, diz que “escrevia pois de um jato, – que é como sempre faço, não sei proceder diferente – e sem maiores tormentos”. Em um dos diálogos, já ao final do livro, a escritora conta que Dalcídio teria ouvido alguém, que lera a obra inaugural de Lindanor, afirmar: “mas este livro contém uma pesquisa extraordinária, essa moça levou muito tempo trabalhando *in loco*”. A autora, então, comenta: “Dalcídio sorriu, caladinho. Sabia que a ‘pesquisa’, se houvera, fora absolutamente inconsciente”.¹

Essas pequenas memórias, de certo modo, exibem, como um pensamento condensado, algumas das principais temáticas com as quais se podem pensar a literatura da romancista paraense. Aí estão a memória, a reminiscência, a imaginação/narração, três das principais razões e conceitos que atravessam seu trabalho, especialmente na obra aqui estudada, *Menina que vem de Itaiara*. Essa exibição é frequentemente relacionada à vida de Lindanor Celina. Segundo Lúcio Flávio Pinto, “não seria inteiramente justo nem correto dizer que a maior obra de Lindanor Celina foi a sua própria vida. Mas é quase isso. Nasceu em Castanhal, se criou em Bragança, desabrochou em Belém e se reencontrou com sua origem na França, onde morou a maior parte de sua vida”.² Não, não seria “justo, nem correto”.

É, evidentemente, incontornável a relação de sua obra com sua vida. Elas seguem, tematicamente e cronologicamente, de alguma forma, sua trajetória, especialmente nos livros que compõem a trajetória de Irene, da qual

¹ CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*: memórias. Belém: Secdet/Falangola, 1983, p. 171 e 92. Sobre a relação de Celina e Dalcídio e seu desdobramento estético, ver PINHO, Relivaldo. Lindanor Celina em memória e trilogia: fotograma do círio e o tríptico de Lindanor Celina. *Sentidos da cultura*, v. 4, n. 7, Belém, nov. 2017. Disponível em <<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/1452>>. Acesso em 22 set. 2022.

² PINTO, Lúcio Flávio. Nossa Lindanor, francesa como nós. *Jornal Pessoal*, Belém, n. 363, jul. 2017, p. 16. Em outro texto, Lúcio Flávio Pinto, fazendo uma introdução a uma correspondência enviada pela escritora, em 1979, sobre ela, ele salienta: “quando a conheci [...] ela já era cronista de jornal e acabara de estrear um livro, com a *Menina que vem de Itaiara*. Ambas as estreias tardias: em jornal, aos 37 anos; em livro, aos 46. [...] Como a criadora sempre predominou [...] a avaliação de sua obra ficou em segundo plano, bastante prejudicada. *Idem*, Lindanor: primeira e única. *Jornal Pessoal*, n. 443, Belém, jun. 2009, p. 6 e 7.

Menina quem vem de Itaiara é o primeiro.³ Mas essa ligação de vida e obra não determina, como sabemos – ou, como deveríamos saber – o estudo da escrita. Não que ela não seja importante, especialmente em um texto ficcional histórico, ou memorialístico, como é o caso em questão, mas, aí, a vida, a biografia como razão, a história, a cultura são dimensões que se interrelacionam, não seu único substrato. Com essas dimensões, a obra, inegavelmente, se entrecruza, mas como artefato estético que detém sua própria temporalidade, enredo, fluxo e inscrição, que da vida não se separa, mas que dela, mecanicamente, não resulta.

Concebe-se que o significado de uma obra deve ser buscado atravessando sua exibição mais perceptível e, talvez, mais sedutoramente apreensível; que os fatos que, imediatamente, a ela se ligam, não necessariamente devem ser o significado que ela contém; que uma vida como tema, não são os fatos de uma vida; que o sentido de uma obra deve ser buscado trespassando-se o êxtase identificatório, para se procurar a “temperança” da verdade. Assemelha-se esse procedimento àquilo que Benjamin denominou de “teor coisal” (*Sachgehalt*) e “teor de verdade” (*Wahrheitsgehalt*).⁴ Ambos habitam a obra, mas conduzem a sondagens diferentes. O primeiro, visa à sua imediatez que dá a chave (*clef*) para a circunstancial percepção e leitura; o segundo, busca a permanência que pode lhe revelar o sentido oculto, ignorado, esquecido.

Ignorado já não era o talento de Lindanor Celina. Seu impulso decisivo se deu pelas mãos de sua maior influência, Dalcídio Jurandir. O romancista paraense se deparou, “ao acaso”, na residência da autora, na Vila Monção, com uma de suas crônicas (“era uma crônica sobre Sartre e Simone de Beauvoir, eu os havia conhecido recente, em Belém mesmo [1960], numa feijoada no Grande Hotel”⁵) que escrevia na coluna “Minarete” (iniciada em 1954, que, conta a autora, Dalcídio desconhecia) da *Folha do Norte*.⁶ Ela estava nervosa e insegura pela apreciação do mestre, que a “encarou firme, com uma determinação e uma autoridade que nele raras, raríssimas vezes constatei, ou mesmo nunca mais, e disse: Você é uma escritora”.⁷

A conhecida história, que se tornaria quase lendária (e que seria reproduzida em algumas orelhas de seus livros), por, dentre outros motivos, seu conteúdo, pela “benção” de um escritor consagrado e por ser contada em seu texto memorialístico em homenagem a Dalcídio Jurandir, se assemelha às ratificações iniciais e apreciações de outros personagens e intelectuais. “Antes, quem me julgava? – diz Celina – Certo tinha um, dois, três leitores de quem respeitava o conceito: Raymundo de Sousa Moura, Machado Coelho, Francisco Paulo

³ Ver CELINA, Lindanor. *Menina quem vem de Itaiara*. Rio de Janeiro: Conquista, 1963 (em suas primeiras edições, ele foi eleito o “livro do semestre”, pelo suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo*). Para mais informações sobre outros trabalhos e prêmios recebidos pela autora, ver Cronologia da obra de Lindanor Celina. In: BEDRAN, Madeleine, PEREIRA, João Carlos e TUPIASSÚ, Amarilis. *Lindanor, a menina que vem de Itaiara*. Belém: Secult, 2004, p. 99.

⁴ Ver BENJAMIN, Walter. As afinidades eletivas de Goethe. In: *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009, p. 14. A respeito da experiência e da narração, tão caras a Walter Benjamin e que se relacionam a este texto, ver PINHO, Relivaldo. Antropologia e filosofia: estética e experiência em Clifford Geertz e Walter Benjamin. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, Porto Alegre, jan.-jun. 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a09v18n37.pdf>>. Acesso em 21 set. 2022.

⁵ CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*, op. cit., p. 23.

⁶ Ver Lindanor Celina e o demônio da escrita (Entrevista concedida a Elias Ribeiro Pinto). *Diário do Pará*, Belém, 4 jul. 2017, p. 10.

⁷ CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*, op. cit., p. 24.

Mendes”.⁸ Além de Mendes, que assinaria a orelha de *Estradas do tempo-foi*⁹, e Coelho, que redigiu a orelha de *Breve sempre*¹⁰, seguida do prefácio de Antônio Olinto¹¹, outros intelectuais prefaciaram suas obras, como Fábio Lucas¹², em *Eram seis assinalados*, Paulo Nunes¹³, em *Menina que vem de Itaiara*, e João de Jesus Paes Loureiro, em *A viajante e seus espantos*.¹⁴

Conhecida havia alguns anos no ambiente cultural paraense, mesmo antes da publicação de sua primeira obra romanesca, pela atuação nos jornais, no meio intelectual e artístico e pela personalidade “vulcânica”, Lindanor Celina assumia, nesse âmbito, outros papéis. Os episódios que a romancista conta/narra, como quando da viagem de Jorge Amado a Belém, sua amizade com escritores, como Eneida de Moraes, seu contato com o universo cultural nos meados do século XX, dão a ideia de sua atuação nessa atmosfera que, em um primeiro momento, era feita *in situ*, tanto em Belém, como, posteriormente, no Rio de Janeiro, e, em seguida, através de suas crônicas e cartas, de sua morada na França. Escrever, nesse cenário, talvez não fosse um resultado inevitável, mas, no seu caso, se tornou, com o espírito do tempo, um devir.

Existe um vídeo sobre Celina, publicado pela revista *Plural Pluriel*, do Centro de Pesquisas Interdisciplinares sobre o Mundo Lusófono, da Universidade Paris Nanterre, entremeado com comentários, fotos e obras. Nele, a autora, respondendo sobre a razão de sua escrita, comenta, que no início, ela “dizia: não sei, era uma resposta burra e estúpida, depois eu fui descobrindo que a resposta tinha um sentido altamente negativo se ela fosse verdadeira, e eu verifiquei que, se eu não escrever, eu sufoco, vou morrendo aos bocadinhos. Eu escrevo para morrer menos”.¹⁵

Isso diz muito, como veremos, da escrita de Lindanor Celina. Quando publicou seu primeiro livro, empenhou-se em uma revisão que incluiu seu amigo Dalcídio, “o Dal”, como o chamava, ele, já habitando o Rio de Janeiro. *Menina que vem de Itaiara* nascera desse esforço emulado pelos mais próximos e realizado, “à mesa de jantar, entre atender as crianças e destampar a panela, em manhãs de Belém ou durante a sesta, daí um odor de varanda e caramanchão de almofada de rendas e rede armada debaixo de mangueiras, de meninas suas chegando da escola, que o livro tem”¹⁶, na perspicaz imagética, quase árcade, com a qual o autor de *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) apresenta o romance.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 51.

⁹ Sobre esse livro, ver PINHO, Relivaldo. O atravessar dos tempos em *Estradas do tempo-foi*, de Lindanor Celina. *Moara*, n. 64, [s/l.], nov. 2023. Disponível em <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/13883>>.

¹⁰ COELHO, Machado. In: CELINA, Lindanor. *Breve sempre*. Rio de Janeiro: Americana, 1973 (orelha).

¹¹ OLINTO, Antonio. Uma história que flui. In: CELINA, Lindanor. *Breve sempre*, op. cit. (prefácio).

¹² LUCAS, Fábio. Traços da ficção de Lindanor Celina. In: CELINA, Lindanor. *Eram seis assinalados*. Belém: Cejup. 1994 (prefácio).

¹³ NUNES, Paulo. Devagar, as janelas olham! In: CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op. cit. (prefácio).

¹⁴ LOUREIRO, João de Jesus Paes. As crônicas da Lindanor. In: CELINA, Lindanor. *A viajante e seus espantos*. Belém: Cejup, 1988 (prefácio).

¹⁵ CELINA, Lindanor *apud* BARBOSA, Sara e COSTINHA, Cláudia. Voyage à travers l’oeuvre de Lindanor Celina. *Plural Pluriel*: Revue des Cultures de Langue Portugaise, Paris, n. 11, 2012. A revista, no n. 9, de 2011, já havia trazido o dossiê Amazonies brésiliennes, dirigido por Gunther Karl Pressler e Izete Muzart-Fonseca dos Santos. Dele constam quatro textos sobre Lindanor Celina.

¹⁶ JURANDIR, Dalcídio. Menina que vem de Itaiara. In: CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op.cit., p. 5.

Nessa descrição dalcidiana, a dimensão da vida como imagem, esculpe, em alto relevo, essa caracterização tão cara às letras de Celina e já indicia um dos motivos mais importantes que se cumprem nessa cíclica literatura romanesca, que se abre com o livro de 1963 e apresenta Irene, a personagem que crescerá na pequena cidade de Itaiara, se encantará com a cultura local, praticará as travessuras e terá as dúvidas da infância, escrutinará a convivência com a família e se extasiará com personagens modelares da história, da cultura, do lugar. Nessa literatura, a memória é a dominante, mas ela se utiliza, nesse trajeto, de imagens e experiências. Não para ser a reprodução de uma memória de uma vida, nem a de Celina, nem a de Irene, mas a memória, entrecruzada no literário que, apresentada e interpretada, talvez possa buscar, como já dito, uma permanência que pode lhe revelar o sentido oculto, ignorado, esquecido.

Nesse literário/espaco percorrido, suas experiências nos conduzem como um vento¹⁷ que curva, que toca, capta e absorve o ambiente (o mundo) em sua trajetória e, volta, outro. Isso pode parecer demasiado próximo a nós, mas é essa uma das características dessa literatura que, penetrando a vida através da memória, dela emana, em narração, um ar, um vento, que já por nós pode ter trespassado e, dele, nós apenas lembramos quando ele, novamente, torna-se presente, se representa, para, talvez com um sopro, dobrar o fim, “para morrer menos”.

Essa palavra cheira! Irene e Itaiara sob os augúrios de Mnemosyne

As primeiras páginas de *Menina que vem de Itaiara*¹⁸, “escrito em dois meses”, foram mostradas a seu amigo, o professor Francisco Paulo Mendes. “E todo em forma autobiográfica?” – ele perguntou, e Celina respondeu –: “Não. Pelo menos pretendo que não”.¹⁹ Ainda sem título, nele trabalhou diariamente nos manuscritos, que encadernava como método e hábito. A frase “essa palavra cheira!”, dita no depoimento gravado de Lindanor Celina, quando indagada acerca do nome Itaiara que escolhera para seu primeiro romance, surgiu, em 1983, em uma versão um pouco modificada, mas não menos importante:

*Para o título, dois amigos me aconselharam: Machado Coelho sugeriu um, lindo: Menina que vem de Maiandeu. Doutor Raymundo Moura, meu chefe então no tribunal, foi quem criou a palavra Itaiara – achamo-la juntos, os dois. [...] e de repente ele bradou: Itaiara! Ele próprio encantava-se com a descoberta! “Essa palavra cheira!” [...]. E há quem jure e bata fé que se trate de um sítio que há em Bragança, dos pais de Waldir Sarubbi. Coisa que jamais me passou pela mente.*²⁰

¹⁷ “Por vezes não acontece, sob a ação do mesmo vento, um de nós sentir frio e o outro não? Um de leve, e o outro intensamente?”, pergunta Platão a Teeteto, questionando sobre a relação entre sensação e conhecimento, em um contexto que, à frente, tornar-se-á significativo. PLATÃO. *Diálogos de Platão*: Teeteto-Crátilo. 3. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001, p. 49.

¹⁸ Edmundo Lys fez a primeira crítica nacional ao livro. “Ele garantiu: o livro era mesmo muito bom, lembrando uma Helena Morley (escritora mineira redescoberta por Elisabeth Bishop) do Norte, do saboroso Norte, com seus amazonismos, seus banhos de cheiro, seu vocabulário único no mundo”. Lindanor foi longe”. PINTO, Lúcio Flávio. O começo de Lindanor. In: *Memória do cotidiano*, v. 5. Belém: Jornal Pessoal, 2012, p. 76. A referida crítica saiu em *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1963, p. 6.

¹⁹ CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*, op. cit., p. 79 e 80.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 130 e 131.



Não é incomum relacionar o nome “Itaiara”, da cidade do romance, a um local da cidade de Bragança. Mais do que destacar aqui que a autora afirma não fazer nenhuma relação entre o nome do livro e os prováveis locais da cidade na qual se criou, o que quero enfatizar é essa dimensão do distanciamento e aproximação da memória. Um distanciamento, por vezes, buscado, planejado, útil; e uma aproximação que se relaciona tanto com uma voluntariedade, como com uma involuntariedade, pensada e imaginada de um local, de um tempo de origem. No vídeo publicado pela revista *Plural Pluriel*, a autora diz:

Itaiara não existe, eu inventei, como Pasárgada, que o Manuel Bandeira disse, “vou-me embora pra Pasárgada”, Pasárgada é um reino impossível, onde tudo de bom acontece, nada de amargo, e eu botei Itaiara, mas era a minha cidade de Bragança que eu disfarcei porque senão eu seria presa, quando o romance aparecesse, o prefeito mandaria me prender, porque ele estava no romance; realmente deu um bolo, mas estava disfarçado com o nome de Itaiara. Não sei porquê, achei bonito, achei que essa palavra cheira!²¹

Como se verá mais à frente, Bragança é o lócus originário, é o bloco de cera físico da memória e é, também, sua imaginação. Cruzam-se (é Ricoeur quem se adianta aqui, em outro sentido). Nesse depoimento, estão presentes essas duas dimensões que se relacionam com a memória, o lembrar e o imaginar. É preciso conceber também que seu próprio livro memorialístico, aqui citado, sobre Dalcídio Jurandir, não está disjunto dessa temática.

Mas a palavra e o lugar acompanhariam sempre Irene. Irene filha de dona Adélia e seu Geraldo e irmã de Alba e Stela. Criança, os pais se mudam do Buritizal para Itaiara, na rua das Pedras. O pai constantemente viajando para vender peixe ou tabaco, a mãe cuidando da casa, Irene escapando para se encontrar com as crianças dos vizinhos e dona Adélia a lhe repreender por suas traquinagens. Contrariando o desejo do pai por um menino, nascera Alba e eles, então, se mudam para “a casa grande”, na Vila Arlindo, a primeira mudança de casa na nova cidade.

Seis ou sete casas de porta e janela [...]. As casas ficavam numa ribanceira por sobre a estrada de ferro. Quando o trem apitava na curva, a gente corria a vê-lo passar, já de marcha diminuída, bufando como um animal cansado. O cemitério, por detrás da vila. Essas, as nossas distrações: o trem e os enterros, cada dia. Nas quintas ou sábados, meu alvoroço maior, papai voltava da viagem, e o caloroso adeus que me mandava da janela do horário chegando, antecipava a doçura do abraço, dos sacos de doce, das rapaduras de coco e alfenins que trazia.²²

Em um trecho raro nessa obra, a autora/narradora explica os “motivos” do romance.²³ Nessa metalinguagem “suspeita”, porque, de todo, não se cumpre, é especialmente a um caso que ela devota especial razão, “o crime da Prata”. A vila vivia sob o signo de uma história, a do assassinato do noivo de Célia Martins, a moradora do lugar que, por isso, se isolava, encarnando o ideal

²¹ CELINA, Lindanor *apud* BARBOSA, Sara e COSTINHA, Cláudia, *op. cit.*

²² Utiliza-se neste estudo a versão publicada em 1996 de *Menina que vem de Itaiara*, *op. cit.*, p. 19 e 20.

²³ “A vila Arlindo nem precisava entrar nessa história não fosse o Externato Santo Afonso, mas, principalmente, o crime da Prata, que aconteceu quando ali morávamos.” *Idem, ibidem*, p. 19. A história de Célia Martins pode ser uma razão desencadeadora, mas ela não é, na narrativa, seu núcleo principal. Esse núcleo é, evidentemente, a menina que narra, a cidade e seus personagens, do qual Célia faz parte, porém “dela” não depende.

da donzela abandonada, sempre a esperar, encastelada, o retorno – impossível, por isso, esperado – do grande amor. A história de Célia Martins, um personagem recorrente no enredo, não por acaso, permaneceu como uma marca indelével para Irene, “anos e anos, na minha imaginação, ficou o crime da Prata”.²⁴ E, aqui, tomemos essa frase, aparentemente fragmentária, como uma sinédoque, para adentrarmos no terreno no qual o rememorar de Célia nos serve como um epifenômeno imagético (não o seria também no livro?) de uma razão maior. A vida, vertida em imagens, só pode ser vislumbrada, nessa literatura, se a contemplarmos a partir da constelação da qual ela nasce, origina-se, tornando-se aquilo que poderíamos denominar como uma das partes centrais desse livro, o estatuto da memória/reminiscência.

Temática que caminha imanentemente com a literatura, a memória é um dos elementos que ladeiam e compõem o fazer literário, justamente porque, a literatura, dela, desde suas origens, se tornou uma expressão, porque dela, em alguns casos e em níveis diferentes, se alimenta. Tema de histórica complexidade, o estatuto da memória remonta à nossa origem mítica (*Mnemosyne* é a deusa da memória) e filosófica. Na filosofia, por exemplo, apresenta-se em Platão, como expõe Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento*²⁵, em um trajeto que para nós é extremamente relevante.

Um dos principais pontos que iniciam sua densa argumentação é buscado em Platão através do diálogo *Teeteto*, que tem como “problema que nasce e se configura, a sua expressão sistemática da Teoria do Conhecimento”²⁶ e que objetiva “saber o que é o conhecimento em si mesmo”.²⁷ Esse diálogo desenvolve, dentre outras questões, os debates sobre a ideia de Protágoras de que o homem é a medida de todas as coisas – o que levaria Teeteto a crer na identidade entre sensação e conhecimento – e funda questões que iriam influenciar toda a filosofia e saber vindouros, como a psicologia, a ideia de percepção e a relação entre sujeito e objeto. Após lançar um enfático ataque a Protágoras, Sócrates assume sua defesa, criticando seu próprio procedimento, exemplificando a partir, segundo ele, da impossibilidade da mesmidade entre as memórias, a atual e a passada, e argumenta: “por que teria, então, escrúpulos em admitir que a pessoa pode juntamente saber e não saber a mesma coisa?”²⁸ Nessa argumentação sobre esse diálogo, Ricoeur nos coloca diante do conhecido trecho no qual Sócrates, já nos últimos embates com Teeteto, pondera se “é possível aprender-se alguma coisa que antes se ignorava”.²⁹ Depois da assertiva de seu interlocutor, ele observa:

Suponhamos, agora, só para argumentar, que na alma há um cunho de cera; numas pessoas, maior; noutras menor; nalguns casos, de cera limpa; noutros, com impurezas, ou mais dura ou mais úmida, conforme o tipo, senão mesmo de boa consistência, como é preciso que seja.

Teeteto – *está admitido.*

Sócrates – *Diremos, pois, que se trata de uma dádiva de Mnemosine, mãe das Musas, e que sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado,*

²⁴ *Idem.*

²⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

²⁶ NUNES, Benedito. Introdução. In: PLATÃO. *Diálogos de Platão, op. cit.*, p. 23.

²⁷ PLATÃO. *Diálogos de Platão, op. cit.*, p. 41 e 42 e 146a-e

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 71 e 72 e 166a-c.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 109 e 110 e 191c.

*calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso, temos lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos.*³⁰

A relação entre sensação e conhecimento, ganha um outro elemento até então inédito no diálogo. Esse novo elemento, que envolve alma e memória, será um dos pontos destacados por Ricoeur para expor o surgimento, em Platão, da relação entre memória e ausência, um enigma presente em outros diálogos, como *O sofista*, e que se liga, entre outras questões, à temática da *mímesis* e da representação; a “metáfora da cera conjuga as duas problemáticas [inseparáveis], a da memória e do esquecimento”.³¹

Qual o cunho de cera de Irene?³² Ele não é, obviamente, um lugar apenas, ele é a própria memória que infunde através da escrita uma existência. Mas, como não poderia deixar de ser, esse viver irá buscar na sua impressão memorialística as marcas que ficaram dos sinetes de seus anéis, gravadas na vida de Itaiara. A cidade é seu primeiro cunho, suas experiências de infância na cidade são as experiências que ficaram gravadas e que retornam em imagens, não apenas de uma vida anterior, ou, à maneira de Platão, de uma alma imperecível, mas, fundamentalmente, de rememorações, recordações do lugar e de sua experiência infantil e adolescente. São os vários aspectos experenciados como conhecimento/saber rememorado e como reminiscência que a memória carrega e que, imageticamente – a imagética que cabe ao romanesco –, busca na alma memorável que, da cera da vida, compõem um quadro de uma cidade, das experiências que ali se desenvolvem e da menina que delas participa, em seus vários sentimentos (sensações) do seu cotidiano. Esse cotidiano, entre viagens do pai, as tribulações da mãe, o brincar com os amigos, é preenchido pelos acontecimentos que ganham significância na pequena cidade. No cunho que Irene gravara seu rememorar, havia muitos sulcos a serem revistos, lembrados, extirpados. É como se revê novamente o passado, cunhado nas peças enceradas de um espírito, de um espírito de tempos que, pela narrativa, se transfigura e se rememora, se submerge e sobre o qual as linhas em busca no tempo lhe são exibidas.

No tempo passado, porque é nele, segundo Aristóteles, que ela, a memória, se localiza. Essa é uma das ênfases decisivas na abordagem de Paul Ricoeur. É ela que encaminha sua análise, com base no texto aristotélico *De memoria et reminiscencia*, ao examinar a relação entre tempo e memória, lembrança e recordação. A memória, então, pertence ao passado, porque o futuro não pode ser objeto da lembrança, já que é objeto da espera, do porvir, da expectativa (daí existir, para alguns, uma ciência da expectativa, a adivinhação) e o presente não é objeto do que se lembra, mas da percepção que ele apreende, e ele nada nos informa (esclarece, ensina) nem sobre o futuro, nem sobre o passado, mas

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 110 e 191d. a metáfora da cera serve para fazer dela uma imagem para a compreensão da literatura de Celina. A alma (a memória) recebe as sensações e as emite em escrita, também para evitar a “morte da memória e a memória da morte”. Gagnebin analisa o problema do temor platônico pelo uso da escrita em substituição à memória. Ver GAGNEBIN, Jeanne Marie. Morte da memória, memória da morte. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 53.

³¹ RICOEUR, Paul, *op. cit.*, p. 28.

³² Para a tipologia das ceras, que se relaciona com a distinção entre as opiniões falsas e verdadeiras, ver PLATÃO, *op. cit.*, p. 114 e 115, 194c-e e 195a.

apenas sobre o presente.³³ Ricoeur nos recoloca nas diversas implicações (não cabem aqui ser debatidas por inteiro) que surgem nessa, aparentemente simples, definição de Aristóteles. Sua caracterização do procedimento da memória com a participação icônica, da imagem (*eikón*) como mediadora da memória, como a inscrição de outra coisa que não ela mesma (*phantasma*) é uma das mais decisivas, justamente porque aí surge esse novo elemento, a imagem (ou cópia), que vai além – e mesmo, diríamos, ameaça – da interpretação platônica.³⁴ Recorde-se o que não é presente, através de uma imagem que guarda semelhança com a sensação, com o estímulo externo, como no exemplo da pintura em um quadro no qual ela é pintura e é outra coisa que nos remete ao representado, como uma imagem (pintura) mental de uma coisa distinta, e, à medida que a consideramos relacionada como outra coisa, por exemplo, como uma semelhança, é também uma lembrança.³⁵

Aqui, se configura, nessa filosofia mnêmica, uma distinção relevante para nosso objeto, entre memória/lembrança (*mnéme*) e recordação/reminiscência (*anáminesis*). O ensaio aristotélico ganha em sua inteligibilidade profunda quando estabelece que – diz Ricoeur – “de um lado, a simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste numa busca ativa”.³⁶ Enquanto a lembrança ordinária está imanentemente ligada ao agente externo que a imprime, o ato de recordar se liga ao movimento interno do indivíduo que busca, que percorre, pela distância temporal entre a impressão original e seu retorno, a reminiscência, a recordação. É o tempo, aqui, o elemento que atravessa a memória levando-a da sensação primeira, passando pelos seus estágios, até o reconhecimento como *anáminesis*. Mas, nesse trajeto, antes, é preciso destacar uma outra característica que nos é seminal, o lugar da memória, que está presente no interior desse processo, e que conjuga nossas argumentações. Esse lugar, para Aristóteles, se situa na parte da alma que marca (levanta) a memória, é precisamente a parte à qual pertence a imaginação. Ambas, memória e imaginação, se situam, seguindo-se a tradição platônica, na alma, e todas as coisas imagináveis pertencem à memória, mas aquelas coisas que implicam somente a imaginação o são de modo acidental.³⁷ O que Aristóteles está nos dizendo – e Ricoeur o corrobora – é que, no proceder da rememoração está situada uma busca que a caracteriza, uma busca pelas coisas anteriormente percebidas que se juntam a partir da primeira sensação (*aísthesis*) e que deflui no ato de reconhecer (recordar) o ausente, aquilo que não se dá no presente. Essa é a harmonia que surge da aparente contradição que envolve a sensação, a percepção, o tempo e a memória. E essas são, como veremos de modo mais detido, temáticas centrais no romance de 1963.

A rememoração dobra e imagina o vivido

As odes, interjeições, exclamações e lamentos que surgem no texto de Lindanor Celina, entoadas, permanentemente, pelos personagens, como Irene

³³ Ver ARISTOTE. De la mémoire et de la réminiscence. In: *Parva naturalia: traité pseudo-aristotélicien de spiritu*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1951, p. 57, 10-15.

³⁴ Ver RICOEUR, Paul, *op. cit.*, p. 34-37.

³⁵ Cf. ARISTÓTELES. De la memoria y del recuerdo. In: *Obras selectas*. Ebook Kindle, s./d.

³⁶ RICOEUR, Paul, *op. cit.*, p. 34 e 35.

³⁷ Ver ARISTOTE. De la mémoire et de la réminiscence, *op. cit.*, p. 60 e 20-25.

e dona Adélia, exprimem essa relação com o ocorrido, que não fora – e, como veremos, não pôde – esquecido, porque ausentes, em uma ausência de algo no presente, mas que marca sua existência na memória, desencadeando o ato de rememorar. Entre tantos episódios assim evocados nessa obra, fiquemos, antes, com um que nos serve como apresentação/expressão desse motivo central, a narrativa do café da manhã, agora não mais na Vila Arlindo, de onde se mudaram por desgosto de dona Adélia que não criara raízes na casa, mas na rua do Capim – descrita na geografia imagética da autora, em uma descrição que vivifica (*anima*) o lugar, soprando-lhe um sentido –, “na rua tão feinha. Que era Senador Miguel Linhares só até a estação, daí para baixo virava rua do Capim, o Senador ficava lá no alto, e ela se embiocava, humilde, envergonhada, por entre as casas de cavaco, através de valas e capinzais, no rumo da lagoa”.³⁸ Lá, sua família fizera amizade com os Nogueira, dona Zefinha e seu Moisés, que encarnam a vizinhança da cidade pequena, com os hábitos de trocar favores, ajudar nas dificuldades e, especialmente, escambar alimentos. Uma dessas trocas se realizava no café, que cedo dona Zefinha começava a preparar. O cuscuz era, por todos, o produto ansiado, principalmente por Irene: “Ah cuscuz! A ele e ao munguzá do Benedito mingauzeiro devo a sustância, o tutano que inda hoje tenho”. E Lindanor Celina complementa:

*Feitura desse cuscuz, um ato heroico que dona Zefinha cumpria regularmente, cada madrugada. Passava inteiro o dia labutando, ia às nove da noite fazendo casas, pregando botões, chuleando os dólmas que seu Moisés cosia e, no segundo cantar do galo, já de pé, no penoso ritual de toda antemanhã. Que soninho de nada não dormia! Às vezes, despertávamos, noite adulta, com o batuque, ela socando milho no pilão. Porque não comprava fubá preparado, não, seria, afirmava, desmoralizar um cuscuz. Levantava-se, espartava a macacoa banhando o rosto n’água fria, ralava o milho, pilava-o, peneirava-o; ralava os cocos, extrai-lhes o leite. Quando, às sete, eu ia para a mesa, já encontrava o cuscuz, amarelinho, cheiroso, úmido, polvilhado de coco ralado. Era o meu café, isso e o mingau de milho do Benedito. Nunca dei valor a café-com-leite-e-pão, como todo mundo. Seu Benedito, morador da rua dos fundos, fazia um munguzá famoso na cidade. Levava-o a vender no mercado, mas o meu, sua mulher o guardava na panela, sobre o fogão, pra não esfriar. Perto das sete, Xonda ia buscá-lo, eu o tomava, comia o cuscuz e sentava pé no mundo, pra escola. Merenda levava, de luxo, no mais das vezes dava-a aos outros. Cadê fome, se a refeição me sustentava até meio-dia?*³⁹

Esses sinais da alma, da memória, podem assim ser evocados porque tendem a fazer parte de um espírito comum tanto para a memória individual, quanto coletiva, como define Maurice Halbwachs, autor também estudado por Ricoeur, em *A memória coletiva*. A memória é de Irene, mas não é apenas dela; ela se constitui naquilo “que se encontra tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas [as memórias] passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente”⁴⁰, o que caracterizaria a vida em comum. É verdade que nunca serão as mesmas memórias, “já que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, e essa perspectiva muda segundo o lugar que se ocupa e as relações que se mantêm⁴¹, mas o que Halbwachs ressalta é que

³⁸ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op. cit., p. 167.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 23.

⁴⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 34.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 51.



a memória individual e coletiva pertencem a um mesmo quadro (não causal e nem determinista; daí poder se pensar em lembrança “puramente individual”, em “intuição sensível”⁴²), e é com esse pertencimento que “somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída”.⁴³ Na infância, por exemplo, “é no quadro da família que a imagem se situa”, a sociedade dos adultos, dos mais velhos, “é a sombra que se projeta sobre a infância”, porque “o mundo, para a criança, não é jamais vazio de humanos, de influências benéficas ou malignas”.⁴⁴ São essas as ascendências sobre as memórias da menina que narra, que se inscrevem na família, nos grupos que formam o seu ambiente, ao tomar como referência a pequena cidade e seus personagens.

Os vizinhos e amigos fazem parte dessa troca que forma e alimenta, a partir do ocorrido, a rememoração. O café da manhã, que se troca com os Nogueira, representa uma experiência guardada pela infância que se realiza graças aos “quadros de pensamentos que são comuns aos membros”.⁴⁵ Irene relembra o fato e lhe confere tamanho significado porque, para ela – e para eles –, o fluxo memorialístico assinalou sua permanência. A narrativa retira o prosaísmo do ocorrido e lhe confere, com o rememorar, uma descrição que, longe de ser somente realista, é exclamada como um dos relevos, um dos centros picturais, de uma autoimagem e da imagem em formação, dos outros, como um quadro que se configura.

A descrição propositalmente prosaica do desjejum, detém a marca da enunciação, que advém não apenas impulsionada pela memória, mas que dela se faz como elemento autopropelido. A marca inapagável da infância que se deixou cunhada na memória, parece reaparecer, “limpidamente”, como lembrança, mas, o que a destaca, é o fato dela surgir como reminiscência. O prosaísmo que recorda a cena de um dia, na verdade, recorda uma imagem de um ato, que poderia ser esquecido, como tantos que se esquecem, mas que, ao se converter em imagem (*eikón*) do fato que não se apresenta, que não está presente, retira, como busca, da distância temporal (do viver), da parte da alma onde a memória se alia (pertence), a imaginação. O ato heroico de dona Zefinha detém o heroísmo através da percepção de Irene, é sua *anáminesis* que o *eleva*, que o retira, de sua normalidade cotidiana e o mimetiza como mnemonicamente paradigmático. Atente-se para o fato de que Irene valoriza o trabalho diuturno da vizinha, exatamente por ele imprimir, carregar, os elementos que, ao ligá-los à infância, dizem respeito a uma das características que lhe dão significado, aos elementos que se ligam à tradição, ao trabalho artesão, à diligência para com o outro; é a comunhão que atravessa os dias como quaisquer dias, porque habituais e, ao mesmo tempo, significativos, porque, conforme Platão, mencionado anteriormente, “do que fica impresso, temos lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem”. O reconhecimento de que “a ele e ao munguzá do Benedito mingauzeiro devo a sustância, o tutano que inda hoje tenho”⁴⁶ ratifica esses dois aspectos de modo explícito. Aí está a incorporação do ambiente citadino, a ode aos próximos, a valorização de uma cultura regional, e aí se

⁴² *Idem, ibidem*, p. 37.

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 34.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 39, 42 e 43.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 46.

⁴⁶ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op. cit., p.

grava, no passado e no presente, o lapso temporal necessário e decisivo no processo da reminiscência. Lapso que não é apenas esquecimento, mas que se dirige para reencontrá-lo, rememorando-o, caracterizando seu retorno no “inda hoje tenho”. Persiste, no passado, a caracterização temporal à qual a memória necessita para reaver o ocorrido, nesse caso, as coisas não só pertencem unicamente – e acidentalmente – à imaginação, como reitera – na clave platônica – Aristóteles, mas é da imaginação e da memória que a reminiscência retira, como os sinetes dos anéis na metáfora de Platão, os sinais da alma.

Com esses sinais, Irene, por exemplo, representa, na narração, vários aspectos de Itaiara, a alguns dando mais importância, a outros delegando menos ênfase. É o caso de suas recorrentes imagens, como não poderiam deixar de ser, da família, dos eventos que ocorriam em dias festivos, de suas travessuras em companhia de sua amiga Rosa e de seu viver na nova casa, “a maior do quarteirão”⁴⁷, a do seu Zé Bonança (alguns nomes dos personagens não são fortuitos no texto) – “um homem de bom coração, não um olho grande, um unha-de-fome como o Guimarães, que se se manda buscar uma lata de leite, quando vem a conta, filhou, são duas ou três”⁴⁸ –, onde o quintal, frutífero, alimentava os desejos e, posteriormente, as imagens da infância:

*No quintal enorme, frutas um despotismo. Não havia laranjas, limas, abacates, mas isso logo se plantou. E, em futuro, quando eu voltasse do colégio, primeiras férias, veria as laranjas vergadinhos. Bem como as mangueiras carlotas, que padre Mota nos dera. Essas mangueiras, dentre as árvores do quintal da minha infância, me fazem uma saudade... Mas era tudo um vasto pomar. Passava-se o ano comendo sobremesa feita com as frutas do sítio, mamãe alinhava as latas de compota nas prateleiras do armário no quartinho aos fundos do alpendre, hora de almoço, de jantar, era escolher o doce que se queria: coco, goiaba, jaca, mamão etc.*⁴⁹

O quintal da nova casa é um desses lócus narrativos, que ganham o destaque memorialístico porque são metonímicos e metafóricos do lugar e de sua onipresente personagem. Eles são microscópicos mundos de uma constelação maior. Sobre essa caracterização do lugar na memória, Ricoeur, recorrendo ao trabalho de Edward Casey⁵⁰, caracteriza essa relação através do modo pelo qual o lugar é ocupado. É essa forma do preenchimento do espaço que garante sua memória, são esses os “lugares memoráveis”. São esses lugares que garantem a ligação entre data e lugar; é a lembrança que a eles se liga que incita a “evocá-los e descrevê-los”⁵¹, e, poderíamos acrescentar, que habitar o lugar é lhe dar uma imagem, nem sempre como “um reino impossível, onde tudo de bom acontece, nada de amargo”, como Celina, mencionada anteriormente, se refere à Pasárgada, de Bandeira, mas como o espaço pleno de experiências, que a reminiscência evoca e descreve, ao acordar no ato matutino e voltar para contemplar o jardim. Recorrer a esses momentos e lugares são uma das partes dessa narrativa, que se erige em espaços e momentos da memória a partir da

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 38.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 39.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 81 e 82.

⁵⁰ CASEY, Edward. *Remembering: a phenomenological study*. Bloomington. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

⁵¹ RICOUER, Paul, *op. cit.*, p. 59.

significação dos lugares e da comum convivência, que quer fazer vergar o vivido e, transformando-o em Outro, lhe dar significação.

(Re)Memória de si, rememoração do Outro

Pode parecer não muito verossímil que lugares como Itaiara se tornassem tão repletos de significações. Cidade pequena, ela não proporcionava as excitações recompensadoras, com as quais nos imaginamos satisfazer apenas na grande cidade. Mas, como sabemos, é justamente esse espírito do pequeno lugar que propicia a monotonia que, quando rompida, tende a tornar a cidade repleta de significados, como um ritual. Irene crescendo, “aprendendo as primeiras letras com a mãe, na carta de ABC, nas manchetes de jornal, nas fachadas das tabernas, ou do cine-teatro-Íris-hoje-domingo-hoje”, relembra o ambiente cidadão:

A cidade tinha um viver insosso e tranquilo. Minha vida era aquela casa de porta e janela, as malinesas das filhas da Marcionila, o som do piano do Coutinho, a rua onde quase nada acontecia. Metade do ano que precedia ao carnaval, havia os ensaios dos “Filhos da Candinha”, em casa de Chico Braga, aí a rua se animava um pouco. No mais, as conversas da calçada, cada noite, após o jantar, as crianças brincando de roda e anelzinho, e eu nem disso participando, mamãe me fazia dormir cedo.⁵²

Halbwachs nos diz que não há dificuldade, na grande cidade, em ser esquecido e passar despercebido, mas os habitantes de um pequeno lugar (“um vilarejo”) se observam mutuamente e permanentemente e a memória grupal capta fielmente “tudo aquilo que pode dizer respeito aos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la”.⁵³ O ambiente comum situa de modo próximo cada indivíduo em relação ao outro, ao seu grupo, e é na lembrança do outro que poder-se-ia reificar a própria. Irene reifica sua lembrança quando destaca as manifestações e personagens que com ela compartilham o mesmo local. É assim que podemos pensar, por exemplo, como ela, pela caracterização e descrição de sua infância, que, ainda em Itaiara, caminhará para a adolescência, desenvolve essa reificação, exatamente porque ela descreve e caracteriza o mundo no qual vive, espelhando-se no espírito que a memória levanta. É o que ocorre, por exemplo, não apenas nas travessuras com Rosa, mas, principalmente, nas interações com Marreca, o caçador e hábil rezadeiro que comandava o “Serra-velho”; com Mãe Nana, a contadora de histórias, de frases sentenciosas; e com Tia Joana, a empolgante dançarina das festividades de São Benedito. São personagens arquetípicos da pequena cidade, porque substratos de suas tradições e, por extensão, da memória.

Marreca, certa vez, com sua benzedura, livrara Irene de uma agonizante espinha que entalou em sua garganta. Irene sentia-se, inicialmente, temerosa com o aspecto e as fantasiosas ameaças do rude homem que, com uma faca, dela, terrivelmente, se aproximava para realizar sua “operação”. Ele “veio se chegando, ar assassino, brandindo a arma, justo como quem ia sangrar, rindo-se, até bem juntinho, tão perto que eu bem via o sarro do tabaco nos seus dentes,

⁵² CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op. cit., p. 13.

⁵³ HALBWACHS, Maurice, op. cit., p. 80.

e só faltava perder o fôlego com o bafo da cachaça e suor que dele se exalava”. Mas Irene percebeu, ao olhar nos olhos de seu imaginado algoz, um outro sentimento, os “olhos de Marreca acarinhava, luz de bondade dançava, risonha, dentro dele [...]. Foi mergulhar nas profundezas daqueles olhos e a tranquilidade ocupou o lugar de todo o susto. Fui me deixando operar”.⁵⁴ Marreca, como dona Vijoca, que curara Stela de uma grave doença, representa um tipo de personagem que, para Irene, para sua família e para os habitantes das pequenas cidades, assume outra significação, na caracterização do benzedor, do curandeiro que, demonstrando esse dom, destaca-se em meio ao comum dos dias. Ele é próximo ao pajé que desenvolve e assume várias funções. Como explica Heraldo Maués sobre a pajelança, especialmente em relação à área da cidade de Vigia e do Salgado paraense⁵⁵, o pajé pode exercer papéis como de benzedor, ou benzedeira, que benzem contra mau-olhado e outros males, rezar na cabeça e “cortar erzipla”⁵⁶ (“homem que se ocupava em rezas, em desinchar erisipelas”, diz irene sobre Marreca), e seu trabalho é visto, pelo próprio executor, como caridoso, “é feito sem interesse pessoal”.⁵⁷ Após realizar sua benzeção, Marreca, o bruto bom, se foi, “modesto, sem querer receber dinheiro” que o pai da menina “lhe meteu quase à força no bolso da blusa”.⁵⁸

Mas não somente no plano privado familiar (na pequena cidade esse plano nunca é totalmente absoluto, delimitado, inviolável), esses exemplares personagens se apresentam. Marreca, além de seus vários dons, “matar porco, fabricar banha, linguiça, torresmos, caçador”⁵⁹, era quem liderava o Serra-velho, o ritual de caminhar em direção a uma casa de um idoso, previamente escolhido, realizar um chamado e, caso o chamado fosse respondido,

então, como sob a direção de abalizado maestro, todos a uma prorrompiam nos diabólicos acordes da saturnal. Mão de pilão cavando sepultura, sanfona chorando, serrote rinchando lugubrememente na lata, rabeca dobrando a finados, cuíca esturrando, o gato com o rabo imprensado a miar como um possesso, enquanto os demais, loucas carpideiras, botavam goela no mundo, num soluçar horrível, agourentas lamentações, que faziam estremecer qualquer cristão. [...] Ler o testamento do falecido recém-serrado. Ai é que vinham as galhofas, o melhor do serra-velho. Leitura em geral dialogada. O chefe enumerando, em questionário, os bens da vítima: “A ceroula, pra quem fica?” Um do bando respondia, com bem acanhada voz: “É pra sicrano”. “E o cachimbo do tio Mundico, quem herda?” “A sra. Fulana de Tal”. E o penico, pra quem fica o penico?” ou: “A cuinha de mijar? A caixinha de rapé?” Iam assim repartindo os pertences do “morto”,

⁵⁴ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op. cit., p. 116 e 117.

⁵⁵ Situada no Nordeste do Pará, a Região do Salgado, à época do estudo de Maués, era formada por 11 municípios; “por sua condição litorânea, não só a pesca é importante na região, mas também o turismo [...]. Ao lado disso, trata-se de uma das zonas de colonização mais antigas da Amazônia”. MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico – Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup, 1995, p. 16. Acrescente-se a essas características as manifestações culturais, como se pode ver nos temas em questão, que envolvem, por exemplo, aspectos de uma cultura cabocla e católica.

⁵⁶ “Esta última expressão indica uma forma de benzeção, aplicada especialmente aos casos de erisipela, em que o pajé, com um pedaço de tala de guarimã (lâmina que se retira de uma palmeira, usada para fazer paneiros), reza sobre a parte afetada, fazendo gestos de que está ‘cortando’ a doença, para eliminá-la”. *Idem, ibidem*, p. 289.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, op. cit., p. 117.

⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 116.

que, a essa altura, alguma vez, abria a janela e se punha a xingar, ou a trocar piadas com os serradores.⁶⁰

A narração do ritual feita pela romancista é muito próxima da descrição feita no estudo Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona bragantina, pelo pesquisador bragantino Armando Bordallo da Silva, e pelo depoimento, por ele citado, de Benedito Cezar Pereira que descreve, em detalhes, o rito – já ameaçado de desaparecer – de sua época. É relevante citar Bordallo, como modo de contextualização e como forma de lembrar que a memória/história se relaciona, inseparavelmente, ao esquecimento:

“Serra-a-Velha” é uma diversão promovida durante à noite nas três últimas quartas-feiras da Quaresma. Rapazes estovados postam-se à porta da casa de uma pessoa encanecida a fim de procederem o inventário dos bens que possui os dos que forem imaginados na ocasião. Levando serrotes, lata, “onça” [cuíca] e um gato preso no paneiro, os foliões aproximam-se, silenciosamente, da residência do velho ou da velha e com a voz cavernosa chamam-no repetidas vezes. Quando os velhos respondem rompem numa assuada infernal. Friccionam o serrote nas latas, tocam a “onça”, torcem o rabo do gato, que mia de dor, acompanhado pelo choro ruidoso dos foliões. A uma pausa leem, aos gritos, o testamento original e faceto: – “Deixo isto para fulano, deixo aquilo para sicrano”, etc. não raro a pessoa “serrada” desanda em impropérios, o que provoca maior alarido dos galhofeiros, redobram os gritos e choros, fazendo o gato miar, desesperadamente, serrando com maior furor as latas, acionando a “onça”, no intuito de abafar as explosões de ira dos velhos. De inopino, abre-se a janela, e um jato de água ou de qualquer líquido, violentamente jogado, faz bater em retirada o rapazio irreverente, o qual rindo às bandeiras despregadas, vai para outra operação galhofeira. Ao amanhecer, por via de regra, na “cabeça da ponte” é o comentário de todas as rodas, divulgando-se as peripécias, os detalhes pitorescos da brincadeira daquela noite quaresmal.⁶¹

Compare-se também ao texto de Gerson Guimarães sobre Bacurau, uma das “figuras folclóricas de Bragança”:

Nosso amigo Bacurau sofria no tempo quaresmal, quando a turma entendia de fazer a gostosa e sempre lembrada serra velha. Uma vez deixamos às 24:00 horas, demos início à Serração do Bacurau. Nesse trabalho os integrantes da serra velha levam: serrote, mão de pilão, currupio, campainha. Os integrantes, pelo fato de terem que chorar na hora da morte do serrado, são chamados de “carpideiras”. Quando iniciou a serra velha, com aquela barulhada soturna, tétrica, o testamenteiro faz as perguntas: “para quem fica a bota do Bacurau? Para quem fica a rede do Bacurau?” O lado gostoso da serra velha era quando o “serrado” respondia: “entrega pra tua mãe, filho duma vaca!”. Quando o velho bacurau conseguiu abrir a porta os serradores saíam em desabalada carreira para as bandas da Ladeira do riozinho e desapareciam no silêncio da noite. De manhã, quando se passava por perto do “serrado” dava-se bom dia e evitava-se qualquer diálogo a respeito do acontecido à noite passada.⁶²

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 118 e 119.

⁶¹ SILVA, Armando Bordallo da. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n. 5, Belém, jul. 1959, p. 22 e 23.

⁶² GUIMARÃES, Gerson. Figuras folclóricas de Bragança. In: COUTO, Valentino Dolzane do (org.). *Antologia da marujada*. Belém: IAP, 2000, p. 125.



Nesse ritualismo, herança dos colonizadores portugueses⁶³, temos a caracterização de uma participação comum que a vários de seus habitantes envolvia, em reuniões anteriores, na definição dos “serrados” e do cortejo. E, convém ressaltar, como todo rito – nesse caso, temos um rito (Serra-velho) no interior de outro (quaresma) – ele significa um tipo de simbologia relacional do indivíduo e da sociedade que, invariavelmente, como frisa Gennep, “implica aí reações entre o profano e sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano”.⁶⁴ O rito de Itaiara pode ser pensado como tendendo a se encaminhar para a conhecida tríade tipificada nos rituais de separação, liminaridade e agregação, reunindo-os, e, como eles seguem a trajetória do viver, ele incorpora as inerentes etapas desse caminho que tem a morte como fase final.⁶⁵

O serra-velho é, em maior ou menor grau, um rito profano e religioso, e é, igualmente, um rito no qual a morte torna-se, pode-se dizer, um dos elementos que se ligam às características triádicas que podem fazer parte de um processo ritual. O cortejo, narrado por Irene, que caminha em direção à casa, faz, à noite, um “chamado da morte”.⁶⁶ Após o evento, a cidade acordará (ainda em êxtase ritualístico, mas, talvez, começando a se agregar), para o dia seguinte (o Sábado de Aleluia), e no ano vindouro, novamente, uma nova turba de “rapazes estouvados”, jocosos habitantes, se reunirá, selecionando, liminarmente, novos velhos a serem separados, serrados. De certo modo, tanto os que executam, como os que sofrem o ato, participam da passagem de uma etapa, entre a profanidade e a sacralidade do período; os homens, talvez, por marcar o período do ano, da vida, talvez como renovação, e, os velhos, tornando-se os marcos dessa passagem, na imolação dionisíaca que sofrem, naquela “noite quaresmal”. Naqueles acontecimentos da pequena cidade ferroviária, o alvo predileto dos sediciosos – soubera-se por Xonda, um primo pobre que veio morar com a família de seu Geraldo, a quem Irene admirava a determinação e o destemor, um dos que compõem a galeria dos destacáveis da menina – seria Mãe Nana.

Mãe Nana, ludibriada por Marreca, não resistiu e atendeu ao “chamado da morte”. Mas a morte não a alcançara nas lembranças de Irene. Ela gostaria de ter um caderno para anotar as palavras carregadas de sabedoria a que pertencem os exemplos dos mais velhos que, para a criança, parecem, por vezes, vozes a serem sempre ouvidas, figuras que, em encanto, permanecem:

Essa Mãe Nana, inda hoje penso, teria de fato morrido, ou apenas se evaporou da noite para o dia, sem deixar sinal? Coisas se passaram muitos anos atrás, dessas posso contar de certo, nas minúcias, um vestido cor de abóbora, um canino de ouro plantado no canto de um riso moreno, o pó das unhas da adjunta Ivanildes, o próprio formato, oval abaulado, dessas unhas. De Mãe Nana, mesmo retalhos dos seus dias, as curtas frases contundentes, histórias de Trancoso, quase inteiras, me ficaram dormindo nos desvãos da memória, é só querer, ressuscitam, já não as fui buscar, tanta vez, para transmiti-las

⁶³ Cf. Serração da velha. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, 1999, p. 821 e 822. Ver também PEREIRA, José Carlos. *O encantamento da Sexta-Feira Santa: manifestações do catolicismo no folclore brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2005.

⁶⁴ GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 24.

⁶⁵ Ver *idem, ibidem*, passim.

⁶⁶ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara, op. cit.*, p. 119.

*a meus filhos? Mas morte de Mãe Nana, me perguntam quando, como, de que foi, resposta não tenho.*⁶⁷

A velha senhora encarna a ideia de seriedade e respeito, mas também a de uma tenra memória das histórias que contava, das sentenças, como admoestação e como conselho, proferidas e do que dela se ouvia, ou se imaginava. Os mais velhos compõem na rememoração um papel importante, porque seus atos e palavras se acomodam a um tempo que pode se compor de um tempo fantasioso para a infância, para as primeiras idades. Fantasioso porque não necessariamente preso à imediatez do cotidiano, mas que se distende para um tempo imemorial do qual eles, os mais velhos, ainda são os rastros que permanecem “nos desvãos da memória”. Como a menina “não se interessaria pelos acontecimentos que lhe dizem respeito e nos quais foi envolvida, em tudo aquilo que reaparece agora nos relatos dessas pessoas mais velhas que esquecem a diferença dos tempos e, sob o presente, reatam o passado ao futuro?”, questiona Halbwachs⁶⁸, a respeito da presença da imagem antiga daqueles a quem se devota o interesse de “ressuscitar” e transmitir aos outros, contar a sua história. Talvez isso explique a menor atenção dada, no romance, para a presença dos avós, também pessoas com as quais a infância credita as histórias e atos recordados, não apenas porque cedo os avós de Irene morreram, mas porque parece ser que, das demais experiências do outro, que lhe seriam mais próximas, ela se forma (se entende).

Nesse experienciar, “não são somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam assim dentro de sua memória”. Por isso, a travessa menina, que em nada se concentrava detidamente, se detém, nesses personagens, mesmo não sendo seus parentes mais próximos, porque é na presença dos mais velhos – geralmente os avós– que está “impressa” o que se revela de uma época “e de uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouca apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa”.⁶⁹ Mãe Nana não morreu para Irene porque ela “resume e condensa”, como Marreca, um quadro pintado e em alto relevo, que rememora as pessoas, as “maneias de ser e de pensar de outrora”. De Itaiara.

Um quadro no qual esses sujeitos se inserem para deles se falar, e, para deles, se situar no interior de uma paisagem em que uma época se busca e se retém. É o que faz surgir Tia Joana em uma dessas icônicas representações, a Marujada, densa, sob perspectivas várias, e arquetipicamente descrita por Lindanor Celina. Essa manifestação, tida como uma das mais importantes do Estado do Pará, que está circunscrita nas festividades de São Benedito, na cidade de Bragança, e se origina (século XVIII) como forma de agradecimento dos escravos aos seus senhores por permitirem que se constituísse uma irmandade em louvor ao santo, se configurou, desde seu início – quando, em dança, os escravos festejaram às portas dos senhores em sinal de reconhecimento – na interseção de aspectos festivos e religiosos.⁷⁰ Representada por vários elementos, o evento formado pela procissão, uma particular indumentária, dança e

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p. 122.

⁶⁸ HALBWACHS, Maurice, *op. cit.*, p. 66.

⁶⁹ *Idem*.

⁷⁰ Cf. SILVA, Armando Bordallo da, *op. cit.*, p. 62.

outros aspectos, como o retumbão, o ritmo que lhe é característico, fora descrita por Bordallo, em seu trabalho de 1959⁷¹, como tendo uma participação decisiva das mulheres, “cabendo a estas a sua direção e organização”, com a organização e disciplina exercida por uma ‘Capitosa’. [...] As marujas se apresentam tipicamente vestidas: – usam uma blusa ou mandrião branco, todo pregueado e rendado” e uma grande saia “encarnada, azul ou branca com ramagens de uma dessas cores”, o chapéu “todo emplumado e cheio de fitas multicores e no pescoço trazem um colar de contas ou cordão de ouro com medalhas”. Aos homens, dirigidos por um capitão, destina-se o papel de “músicos e acompanhantes”, com “calça e camisa branca ou de cor, chapéu de palha de carnaúba revestido de pano”. Executam o retumbão, “a dança de preferência da Marujada”, que tem o lundum como “compasso musical e rítmico”.⁷²

É a dança, a experiência e a respeitabilidade, que fascinam Irene ao contemplar Tia Joana:

Só ver a Tia Joana sair dançando o retumbão, volteando no ar a bonita saia encarnada, cheirosa! Tia Joana, capitosa vitalícia da marujada, me entendi vendo-a naquele posto, gente lhe tomando bênção com todo o respeito. Mal comparada a um padre, uma freira, uma madrinha muito estimada. Mesmo fora do São Benedito, quando era apenas uma pacata cidadã. Quando não assumia não mais o comando de uma legião de marujos, mas o governo do tabuleiro de broas, sequilhos, roscas de tapioca, de sua banca de tacacá. Mas ainda ali, se impunha. Pessoas chegando, saudando-a com reverência e estimação: “A bênção, Tia Joana” “Deus te abençoe, minha filha. O que vai hoje?”

Dezembro, o seu tempo áureo. Nesse mês, rainha era ela. Que não havia – desde canoieiros, carregadores, às mais altas autoridades – quem não comparecesse à barraca de solo batido, ao lado da igreja, a vê-la dançar.

E os marujos? Ai, para eles, que que par mais requestado senão ela? [...]. Sim, rainha era ela. Seu traje o mais rico, a saia, da roda mais ampla, [...] o chapéu, o mais cintilante, [...] fitas que dele pendiam e lhe chegavam aos pés [...]. Pesar da idade (quando a conheci, já netos tinha) quem mais ágil no passo do lundu, no maneiro, ingênuo requebrar das danças tão encantadoras no seu primitivismo? Porque assim é a marujada. Rememorando os volteios do típico bailado regional, eu me espanto de como neles não se descobria lascívia alguma, nem sequer o quente langor de certas danças tropicais. Tudo tão puro, entre eles, uma alegre, respeitosa reverência, como um ritual.⁷³

A mulher que marcara a memória de Irene não é apenas um personagem que se descreve para se demonstrar as peripécias ou as agruras; a marujada não é um evento que serve apenas como cenário à personagem, mas é no modo como a narrativa os atravessa, que os destaca à frente, projetando-os, e os une, que distingue esse momento do romance. É a diegese que reúne os diversos aspectos que compõem essa percepção e o modo como é narrada. A menina põe em relevo mais um dos que merecem toda a deferência e, por isso, se evoca. Ela e a cantoria dos marujos são “as grandes atrações”, mas o são porque é com eles que, através da memória, se intenta debelar o sentimento de ausência, de um tempo que, no presente, atesta o que não mais existe, debelando o esquecimento

⁷¹ Cito-o, não apenas por ser um importante registro da manifestação, mas pela estreita relação que sua descrição mantém com a do romance, e não para atestar a verdade histórica do ocorrido através da ficção. O conceito que fundamenta essa perspectiva é o de *mimesis*. Ver RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1997, t. 3.

⁷² SILVA, Armando Bordallo da, *op. cit.*, p. 62-65.

⁷³ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, *op. cit.*, p. 175 e 176.

que ameaça seccionar a busca, o trajeto da rememoração. O vivido que desperta na escrita e que rememora.

Essa caracterização poderia dizer, com Paes Loureiro – no pequeno texto que apresenta a *Antologia da marujada*, se aproximando ao sentimento que Celina procura exibir, – que

*a marujada é a visualidade azul e vermelha de uma cidade azul tingida pelo vermelho das manhãs do Caeté. É assim que em todas as pinturas ela se impõe. Poder-se-ia dizer que a marujada torna suas cores a dominância cromática da cidade. E do sentimento bragantino. A cidade bragantina reza pela cartilha da Marujada. A “esmolação” é o ritmo da carência ritual de sua memória afetiva. O coração bate no som do retumbão.*⁷⁴

As cores da relembração do romance também buscam dar essa “visibilidade cromática” (atentem para o trecho sobre Tia Joana, que conota a imagem de um quadro em múltiplas cores e, propositalmente, coreografado) que definiria, pelo artefato cultural, Bragança e, também (e esse “também” é pertencimento, mas não causalidade), Itaiara. Quando a romancista narra a menina a dizer que “a marujada ficou nas minhas lembranças, mais, muito mais que certas gentes, episódios, paisagens daquele tempo”, ela nos dá o adstrato contíguo, em outros momentos referenciado, de sua língua, que tem na ênfase ao vocabulário do lembrar, o corolário da perda que não se quer definitiva: “Quantos anos não a vejo? Tia Joana há muito é morta”.⁷⁵ O “é morta”, marca um fato que fora noticiado pelo pai em carta. É como se marcasse uma data, um tempo, um lugar e seu fim, ainda não definitivo para o evento que se mantém, como ausência, na memória. Inseparáveis, porque atravessados pela mesma alma (*anima*), é o fim de uma época, que não termina, porque a evocação através do tempo, ainda os presentifica.

Reminiscência, *Mnemosyne*, memória. Em um conhecido texto⁷⁶ no qual analisa os trajetos míticos que essa função da *psyché* assume, Jean-Pierre Vernant busca diferenciar, dentre outros aspectos, as características cosmológicas e escatológicas que a memória toma no decorrer dos textos gregos. *Mnemosyne* mãe das musas, musa da memória e da função poética, é o poeta que ela, diz Vernant, guia pelo passado, mas o passado como tempo memorável, tempo antigo e original. O aedo que rememora não visa seu passado em particular, nem um passado total, mas um passado preenchido pelos tempos memoráveis do início, um tempo heroico. Possuído pela musa, ele se conecta diretamente com esse tempo, nele se situa, nisso diferindo da reminiscência do homem comum não agraciado pela inspiração possessiva. Realizando um exercício (*Melete*)⁷⁷ para esse fim, ele desenvolve uma capacidade de situar, aquilo que decanta, em Catálogos que nomeiam, localizam e dão as indicações sobre onde se desenvolve determinada ação, ou quem nela se insere. Os rapsodos possuíam uma

⁷⁴ LOUREIRO, João de Jesus Paes. Apresentação. In: COUTO, Valentino Dolzane do, *op. cit.* Para as descrições sobre a Festa de São Benedito, a marujada e outras manifestações folclóricas/religiosas de Bragança e para algumas referências deste trabalho, a respeito desses temas, ver SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. *Os donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – UFPA, Belém, 2006.

⁷⁵ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, *op. cit.*, p. 178.

⁷⁶ VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória. In: *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁷⁷ Cf. *idem*, O rio “Ameles” e a “melete thanoutou”. In: *Mito e pensamento entre os gregos*, *op. cit.*

intenção educativa, “é através deles que se fixa e se transmite o repertório dos conhecimentos que permite ao grupo social decifrar o seu ‘passado’”.⁷⁸

Mas essa volta ao mundo memorável, mundo anterior, não significa nem reviver o passado, nem ignorar o presente, e sim desenvolver uma espécie de travessia. Nesse trajeto, *Mnemosyne*, explica Vernant, constrói uma ponte entre dois mundos, o mundo dos vivos e do além, realizando uma evocação do “tempo antigo”. Evocação que pode ser entendida como uma breve vinda à luz do passado e do saber que ele carrega. Essa travessia sobrenatural entre mundos, ao rapsodo, ao aedo, é dada a dádiva de realizá-la.⁷⁹ Itaiara, de certo modo, é “o tempo antigo” para a autora. Os vários elementos que evocam o passado atravessam essa “geografia” de imagens que evocam a infância e a adolescência “reencontradas”. Reencontrando o passado naquilo que a memória não apenas destaca como um acesso que fala aos outros, a nós, mas rememorando o outrora sem, necessariamente, lhes (nos) ensinar como o passado, obrigatoriamente, foi, sem lhes (nos) servir. O romance de 1963, de certo modo, está, também, encerrado nessa condição humana, na qual a poética, a estética, desempenha um importante papel. Trata-se, aqui, menos de uma aporia entre conhecimento e memória, mas, mais de uma proposição entre memória (*mnéme*) e reminiscência (*anáminesis*).

Irene Maria Barbosa Schmidt é uma imagem dessa condição. Não como mito, nem como verdade, nem como conhecimento. Mas como aquela que caminha em direção ao passado e dele quer ver, *autoptes*, as marcas de si mesmo, a alma, que, na verdade, é também sua alma, seus olhos. É o rememorar que lhe conduz a esse trajeto, a essa travessia. Sabe que, nesse caminho, *Lethe* (esquecimento) está sempre presente, dele quer se desviar, mas nada garante que consiga, porque sabe que a memória, a sua memória, nem sempre assegura que sua jornada em direção ao passado lhe seja obrigatoriamente estoica, nem lhe garante que esse exercício (*Melete*) narrativo seja bem conduzido. É uma travessia, semelhante a travessia de Lebadéia, descrita por Vernant⁸⁰, na qual pode-se escolher entre esquecer e lembrar. Mas, na travessia de Irene, a escolha pelo trajeto tênue da sua memória, já está feita, porque a memória, solícita e sedutora, sempre sinaliza – do seu cunho, para um cosmo, para Itaiara – que pode, de repente, brevemente, se levantar. Inadvertidamente, Celina, por uma cesura, lembra, erguendo a voz: “Essa palavra cheira!”. Em um átimo, Itaiara surge para Irene, como um quadro com “as luzes da cidade, a rua da frente, n’água refletidas, pareciam uns pontos de exclamação de cabeça para baixo”.⁸¹ As filhas de *Mnemosyne* lhe oferecem o bastão da sabedoria, o *sképtron*⁸², ela, gentilmente, aceita, mas, seu cuidado, que não é temor, não diminui; a verdade não é um cetro engalanado a se empunhar triunfantemente sobre o passado. Conscientemente, pensa que atravessar a memória é narrá-la e, resolutamente, segue. Sabe que ela e a cidade estão sob os augúrios da deusa titã, mas sabe também que rememorar o passado é atestar sua perda. Por isso é que ela vem de Itaiara. Finda sua iniciação. É hora de partir para outro lugar, sentir outro aroma, em outro tempo, se

⁷⁸ *Idem*, Aspectos míticos da memória, *op. cit.*, p. 111.

⁷⁹ Ver *idem, ibidem*, p. 111-113.

⁸⁰ Ver *idem, ibidem*, p. 114.

⁸¹ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*, *op. cit.*, p. 68.

⁸² Cf. VERNANT, Jean-Pierre, *op. cit.*, p. 112.

fazer presente em sua nova história, o próximo livro de Lindanor Celina, para *Estradas do tempo-foi*.

Artigo recebido em 21 de setembro de 2023. Aprovado em 8 de novembro de 2023.